

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Jornal do Brasil

Class.: _____

PIX 20

Data: 21 de setembro de 1973

Pg.: _____

J.B.

Sertanista afirma que luta no Xingu entre branco e índio se torna inevitável

São Paulo e Brasília (Sucursais) — O sertanista Sidnei Possuelo, responsável pelo posto da Funai de Pirarucu, no Parque Nacional do Xingu, e nas proximidades da BR-080, que atravessa a área Norte da região, disse ontem que os conflitos nessa estrada ligando Xavantina ao Cachimbo, entre civilizados e índios, tornam-se inevitáveis.

Recentemente, a instalação de um botequim vendendo cachaça na margem da estrada, próximo dos índios txucarramae, juruna e krumari, no encontro da BR-080 com o rio Xingu, aumentou, mais ainda, os problemas enfrentados pelo sertanista Possuelo, dado o perigo que a medida representa para os grupos indígenas locais, vulneráveis que são aos vícios da civilização.

Agravamento

O sertanista já começou a ser procurado por diversas empresas agropecuárias, que dizem possuir documentos que as autorizam a realizar projetos na região recentemente desmembrada do Parque Nacional do Xingu. Esses empresários afirmam estar recebendo ajuda de incentivos fiscais da Sudam para a realização desses projetos agropecuários.

— A situação é tão delicada — acentuou o sertanista — que enviarei consultas à direção da Funai em Brasília, solicitando informações a respeito. Desejo saber como proceder diante de mais essa dificuldade, já que anteriormente,

por ocasião das frentes de trabalho da BR-080, os txucarramae foram obrigados a abandonar suas antigas posses onde a caça e a pesca eram fáceis, e se deslocar para um área mais abaixo do rio Xingu.

Na opinião do sertanista, a presença de peões, fazendeiros, gateiros — matadores de onças para vender o couro — na região, terminará por destruir o que resta da autenticidade da cultura dos txucarramae, juruna e krumari, considerados os mais genuínos de todo o Parque Nacional do Xingu. Quando o tráfego da estrada se tornar mais intenso, então as consequências serão desastrosas.

A batalha perdida

Alvaro Vilas Boas, o irmão mais moço dos sertanistas Cláudio e Orlando, lembrou, durante palestra no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que por ocasião do descobrimento do Brasil, havia, pelo menos, 3 milhões de índios no País, e que hoje não dispomos de mais de 80 mil. "Não dá para lotar o estádio do Maracanã."

— Esta realidade. Estas terras, suas riquezas, suas caças e peixes, que os índios, durante milênios, tão bem souberam preservar, estão agora sendo destruídos em nome de uma civilização cada vez mais daniña.

O responsável pelo escritório da Funai em São Paulo afirma que as reservas — existem 18 — são constantemente invadidas por civilizados, que matam suas caças, retiram criminosa- mente suas árvores, mutilam sua ecologia.

— Já os parques estão sob maior controle, existindo atualmente os de Aripuanã, Xingu, Tumucumaque e Araguara, este o mais violado nos últimos tempos, já que os civilizados não vacilam em invadi-lo.

— O Parque Nacional do Xingu deveria ser mantido inviolado. A BR-080 correria paralela ao Parque, o que terminou não acontecendo. Acontecimentos como este é que tornam praticamente perdida a tentativa de respeitar o mínimo que resta de nossas populações indígenas. E como se todos nós estivéssemos participando de uma batalha perdida.

Os kreen-akarores

A Fundação Nacional do Índio anunciou ontem que instalará, em outubro, na tribo dos índios kreen-akarores um projeto-piloto no qual participarão antropólogos, sociólogos e estudiosos indigenistas, com o objetivo de definir, a partir do trabalho de atração, uma política geral pacificadora, a ser adotada em toda a Amazônia, principalmente na Perimetral Norte.

O General Ismarth de Araújo, diretor da Funai, disse ontem que era fantástica a história de uma tribo, na Amazônia, que escraviza brancos. Seu auxiliar, o antropólogo Hélio Rocha, observou que é o contrário o que ocorre na região do alto rio Negro e denunciou o aliciamento de índios por mercadores colombianos, que os exploram do outro lado da fronteira.

A direção do projeto-piloto dos kreen-akarore será entregue ao antropólogo Olímpio Serra. Entretanto, a Funai está pensando em modificar a técnica de doar indiscriminadamente presentes aos índios. Verificou-se que estes, uma vez acostumados ao objeto, passam a dele depender e não o podem arcar com o ônus que a sociedade de consumo impõe para sua aquisição.

Após os primeiros contatos, quando a pacificação entra em fase de consolidação, não há mais presentes e os índios que se deixaram acostumar aos hábitos da sociedade de consumo, ficam frustrados e não querem tornar a seus antigos hábitos. Ai, então, começa a degradação da cultura tribal.